

RETALHOS DE MEMÓRIA:

O RESGATE DE PRÁTICAS ARTESANAIS COMO CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Mariana Guimarães

marianasguimaraes@hotmail.com

Este artigo tem como objetivo apresentar o projeto Retalhos de Memória, no IX Seminário sobre Museologia, História e Documentação. Realizado entre os anos de 2006 e 2009, em duas edições, o projeto contou com a participação de aproximadamente 150 idosas e teve como objetivo o resgate de histórias e memórias através do resgate de práticas artesanais com linhas e agulhas presentes no imaginário das participantes. E foi realizada com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Social e Solidariedade do município de Resende e a ONG Obra Social, da cidade do Rio de Janeiro, e foi realizada em 8 centros de convivência e lazer para idosos.

A pesquisa não teve como objetivo realizar uma amostragem quantitativa sobre as técnicas artesanais, o levantamento estatísticos dos saberes nem a condição de vida socioeconômico das participantes, mas sim uma pesquisa participativa, onde estive presente em todas as atividades propostas. Foi desde o início explicado às alunas o porquê de nossos encontros, desenvolvendo um vínculo de afeto e confiança no nosso relacionamento. As participantes não eram apenas o objeto de estudo, que posteriormente analisei em meu mestrado do Departamento de Artes e Design na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), mas eram também sujeito, cheias de histórias, memórias e lembranças que foram resgatadas à medida que íamos resgatando as técnicas artesanais, pois o ponto central não era apenas o objeto em si, mas o que está por trás desse objeto, o contexto social em que o objeto foi apreendido, a memória pessoal, que também é coletiva, uma vez que são mulheres da mesma geração, e a inculcação desse *habitus*¹ esteve presente na sua formação.

O trabalho teve início no mês de agosto de 2006, na cidade de Resende, com a participação inicial de 30 mulheres, oriundas de 3 centros de convivência da terceira idade de bairros distintos: Manejo, Paraíso e Cidade Alegria. Os Centros de Convivência são mantidos pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Solidariedade do município e subordinados diretamente ao Programa de Atendimento à Terceira Idade (PATI). Essa pesquisa foi apresentada para as participantes dos centros como uma atividade extra, uma vez que nesses espaços são oferecidos aulas de educação física, artesanato, coral, leitura e passeios etc. Desde o início, teve um caráter de pesquisa, mas também de uma atividade, de uma aula, pois eram solicitadas atividades lúdicas, artísticas para facilitar os depoimentos e expressão das mesmas. Além do

¹ O conceito de *habitus* que aqui apresentamos e no qual fundamentamos nossa análise é o desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu ao longo de sua obra.

resgate das técnicas, foi proposto às participantes a realização de um trabalho coletivo e, por fim, montamos uma exposição com os trabalhos.

As atividades propostas eram um meio facilitador de compreensão da realidade social da qual essas mulheres fizeram e fazem parte. São mulheres oriundas de camadas sociais populares, moradoras de bairros operários com habitações tipo BNH, todas aposentadas, vivendo a maioria com salário mínimo e grau de escolaridade baixo, sendo algumas analfabetas. São também vítimas da exclusão social e do processo de depressão comum nessa faixa etária, e suas inserções nesses centros são por via do desânimo, da falta do que fazer, na busca por um passatempo, incentivadas pelas colegas, médicos geriatras e propaganda institucional por parte da prefeitura.

Dentre as atividades propostas, podemos destacar desenhos, leitura de poesias e contos, confecção de bonecas de pano, cirandas e músicas; todas as atividades eram associadas a um tema específico, por exemplo: família, infância, lar, casamento etc. Essa pesquisa teve a duração de 1 ano e ocorria semanalmente em encontros de 2 horas em cada unidade distinta, ou seja, eu estava presente em 3 centros de convivência, somando 6 horas de trabalho semanais, concentradas em 2 dias da semana. Os temas trabalhados evocavam as lembranças e as memórias afetivas, o cotidiano, a vida dura, a infância, o vestido de casamento e as técnicas artesanais tão presentes na vida dessas mulheres. A memória afetiva e coletiva que está por trás de cada lembrança e cada episódio proporcionou o reviver de fatos que foram perdidos, fato que ninguém mais quer saber, como me relatou uma aluna.

Em suas incursões sobre as lembranças dos velhos, Ecléa Bosi (1994) em seu belíssimo trabalho *Memória e sociedade* procura compreender os diferentes tipos de memória e realiza um registro de histórias de vida de idosos moradores da cidade de São Paulo e nos faz refletir sobre o fato de que uma das funções sociais do idoso é lembrar e proporcionar às gerações mais novas *a essência da cultura através da fidelidade da memória*. E acrescenta que os idosos são responsáveis pela memória familiar, institucional e social, *o reviver do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então das nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar*. (op. cit., p. 74).

Porém, a nossa sociedade não permite ao velho que ele cumpra esse papel social, que é lembrar, pois o idoso é visto como uma ferida, e o diálogo entre gerações é pouco frequente. A possibilidade de resgatar as lembranças traz para essas mulheres o reconhecimento a possibilidade de mostrar suas conquistas, sua competência, pois envelhecer significa perder sua força de trabalho e força física, e, nesse momento, elas deixam de existir, as lembranças se perdem, e ficam os apelos, como o pedido pelo senhor Amadeu e registrado por Ecléa Bosi, para que os jovens tenham tolerância com os velhos, pois *eles também trabalharam*. (op. cit., p. 481)

Os primeiros relatos e desenhos realizados pelas participantes nos mostraram o universo simbólico que permeia a existência dessas mulheres, imagens e histórias repletas de metáforas que simbolizam o contexto social em que estão inseridas, como a imagem da colcha de retalhos que era sempre relatada pelas mulheres como um artefato presente em suas casas e as brincadeiras com os retalhos de tecido na infância, que eram transformados em bonecas, roupinhas. A partir destes relatos, sugeri que trabalhássemos

com retalhos de tecido, um material fácil de conseguirmos, uma vez que não havia recursos disponíveis para compra de materiais específicos para o trabalho das participantes; foi então que as mulheres idosas se organizaram e conseguiram retalhos de tecidos com as vizinhas, em pequenas confecções dos bairros. Nesse momento, indaguei sobre quais os trabalhos que sabiam realizar com retalhos de tecido, e, além da colcha de retalho, que é um artefato muito utilizado em casas populares brasileiras, como uma possibilidade de utilização e reaproveitamento de sobras de tecido, a técnica mais relata foi a do fuxico, que é um círculo de tecido alinhavado nas extremidades e franzido formando um módulo redondo que, quando costurado a outro, vai formando um tecido, utilizado na confecção de colchas, almofadas, bolsas etc. Não obtive nenhuma referência em publicações, revistas, sobre a história do fuxico nem onde surgiu, porém o folclore popular atribui esse nome fuxico ao ato da conversação, da fofoca e mexericos das mulheres que se reúnem na hora de confeccioná-los. Confeccionar fuxicos é uma maneira criativa e barata de criar peças e reaproveitar sobras de tecido. É uma técnica que, nas últimas décadas, foi incorporada pela a indústria da moda, design e arte.

A partir dessa técnica, propus as participantes que cada uma construísse um painel de medida 80 x 60 cm utilizando fuxicos e outras técnicas artesanais que sabiam e ilustrassem uma memória da vida de cada uma. No final, devido à beleza dos trabalhos realizados, resolvemos uni-los e fazer uma exposição. O trabalho unido chegou a 28 m de comprimento, um caminho de técnicas e histórias que ilustravam através de práticas domésticas com linhas e agulhas a vida das participantes. É importante esclarecer que, no momento da confecção dos painéis, procurei distanciar-me do processo de elaboração do projeto individual de cada trabalho, deixando cada participante envolvida em suas lembranças, técnicas, ilustrando o que desejassem.

Os trabalhos realizados foram de uma criatividade ímpar, mostrando-nos a potencialidade dessas mãos cheias de dons, transformando os fuxicos em flores, casas, animais, igrejas, flores e mapas, de acordo com a criatividade e o desejo de cada uma.

Foi muito positivo, pois me levou às lembranças de quando minha tia dava aulas de corte e costura para muitas alunas, e nas mesas, no chão, por toda a parte da sala ficavam retalhos multicoloridos. Quando as alunas iam embora, minhas irmãs e eu recolhíamos os mais bonitos para confeccionar roupas para nossas bonecas ou toalhinhas de mesa. Eram ótimos para nossas brincadeiras de casinha. (Daleni de Souza, 60 anos.)

Lembranças das senhoras que confeccionavam vários trabalhos com pequenos pedacinhos de panos que costurados formavam tapetes, colchas, bolsas e variados trabalhos manuais. (Janice Andrade, 62 anos)

Eu e minhas irmãs ficamos ali em volta da minha mãe pegando os retalhos para fazer roupa de boneca, para fazer bruxinha e vestir as bonequinhas. Naquela época usava calça e corpinho; combinação, era combinação. Uma porção de roupa para gente, né? Tudo assim, chita, pano de chita, que minha mãe comprava no mascate". (Vitória, 80 anos)

A realização de um projeto de uma ocupação que despertasse as lembranças e também a possibilidade de trabalhar com as mãos a partir de técnicas que essas mulheres já conheciam deram um significado novo à vida das participantes, a valorização de que sabiam alguma coisa que parecia ser importante, uma vez que conversamos muito sobre a aprendizagem e a importância desses trabalhos. A exposição foi realizada no mês de setembro na ocasião da I Semana Cultural do Idoso desenvolvida pela PATI. Na abertura da exposição, estavam presentes as autoridades locais, os familiares, e as mulheres, arrumadas, maquiadas, uma verdadeira transformação. A prefeitura custeou um coquetel para os convidados e, com o apoio de amigos designers e músicos, fiz um multimídia de 6 minutos que contém o processo, alguns depoimentos e as imagens dos painéis, além da música que foi gravada de modo caseiro para apresentação. Abaixo alguns depoimentos que demonstram a satisfação com a participação no trabalho:

Esse trabalho, para mim, é muito importante, pois além do trabalho, temos muitas amigas e faz a gente esquecer os problemas, as magoas. O painel é uma união, cada uma deixa seu recado para realizar os sonhos. (Quintilhiana do Carmo, 66 anos.)

Adorei essa parte de recordar meus irmãos, de recordar a infância. (Vitória, 80 anos)

Muito importante, pois estou no meio do povo; eu gosto de ficar no meio do povo, não sou triste. Trabalho manual é muito importante na minha vida. (Alaíde de Castro, 63 anos.)

Esse trabalho, realizado no ano de 2006, foi inscrito para um prêmio do Ministério da Cultura, o 1º Prêmio de Inclusão Cultural da Pessoa Idosa (2007), promovido pela Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural com apoio e recursos da Petrobras. O projeto Retalhos de Memória foi a terceira iniciativa premiada dentre as 20 contempladas pelo prêmio em mais de 350 iniciativas inscritas de todo o país. O prêmio significou a possibilidade de ampliação da pesquisa com a inclusão de mais mulheres, a compra de materiais necessários para execução de um projeto mais elaborado com os recursos recebidos no valor de 20 mil reais. Com essa quantia, o projeto Retalhos de Memória conseguiu adquirir materiais específicos para a documentação e registro da pesquisa, como uma máquina filmadora, um gravador de voz, uma diversidade de materiais de aviamentos, muitas linhas, tecidos, rendas, botões etc., além da montagem de uma exposição e produção de um DVD de 12 minutos.

A premiação gerou um grande entusiasmo nas participantes que prontamente desejaram participar da segunda edição do projeto e pesquisa. Porém, nessa edição, a participação não foi apenas de mulheres moradoras da cidade de Resende, mas através de uma parceria com a ONG Obra Social da cidade do Rio de Janeiro, trabalhei também com participantes das casas de convivência mantidas por essa instituição nos bairros de Copacabana, Tijuca, São Conrado (moradoras da Rocinha) e 2 espaços no bairro de Botafogo, um situado na rua São Clemente e outro na rua Sorocaba, somando um total de aproximadamente 100 mulheres oriundas de 8 casas de convivência nas cidades de Resende e Rio de Janeiro.

O perfil socioeconômico e cultural das participantes era bastante variado, mas sendo a grande maioria mulheres aposentadas, de camadas sociais populares, e mesmo que ainda moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro, eram de uma classe média empobrecida e uma grande parte moradora do morro Dona

Marta e da favela da Rocinha. O trabalho teve a duração de 6 meses, com atividades semanais de 2 horas de duração em cada unidade distinta. Vale dizer que as aulas foram todas ministradas e filmadas por mim mesma, que tive apenas o auxílio de uma estagiária no final do projeto e uma equipe para roteiro, direção e preparação do DVD e exposição

Nessa edição, o projeto propôs às participantes um trabalho sobre identidade e o resgate das técnicas artesanais com linhas e agulhas. O trabalho central que gerou a exposição e norteou o projeto foi uma intervenção das participantes em suas fotografias faciais impressas no tecido de algodão e teve como objetivo promover a reflexão sobre o envelhecimento e a vida de cada mulher, além da investigação da relação que é estabelecida diante do contato com a própria imagem e com as técnicas artesanais de produção presentes no imaginário da mulher idosa brasileira.

Conforme a edição anterior, no início das atividades foram propostas atividades lúdicas e artísticas com o objetivo de criar vínculos afetivos com as participantes e facilitar a abordagem do tema principal. Os recursos utilizados nas aulas iniciais foram contos sobre a história do tecer e bordar ao longo da humanidade, depoimentos, músicas, e, a cada encontro, era solicitado as participantes que produzissem um pequeno trabalho utilizando as técnicas que sabiam. Desse modo, durante esse processo, as mulheres tiveram a oportunidade de relembrar pontos de bordado, de crochê e fuxico. Foram surgindo álbuns de bordado, histórias e lembranças, roupas de batizado que fizeram para os filhos etc. A variedade de materiais disponíveis foi de grande importância e estímulo para as idosas, muitas delas sem acesso à diversidade de materiais, que são naturalmente bonitos e lúdicos.

O trabalho com a imagem, objeto de grande interesse na área do design, tem início após um mês de preparação com atividades diversificadas e é iniciado com a dinâmica do espelho em que as participantes se olham e respondem a seguinte pergunta: *o que eu vejo nesse espelho?*

Através dessa pergunta, e diversas atividades propostas, as participantes entram em contato com suas imagens, e tem-se o início de um processo de reflexão, de subjetivação e (re) construção de identidades sociais fragmentadas, uma vez que esse contato gerou, em algumas participantes, questionamentos e dificuldade em reconhecer-se, pois muitas delas, perderam o hábito de se confrontarem com o espelho, esse artefato que acompanha, reflete o desenvolvimento e mudanças dos indivíduos.

Para Baudrillard (1993, p. 28), *o espelho, objeto de ordem simbólica, não somente reflete os traços do indivíduo como acompanha em seu desenvolvimento o desenvolvimento histórico da consciência.*

Defrontar-se com a imagem de si e questionar sobre a imagem envelhecida traz estranhamento, medos e angústias para essas mulheres; porém, a reflexão do que representa envelhecer traz sentimentos de força, coragem, sabedoria e maturidade. Para efeito de nosso projeto, acreditávamos que poderíamos contribuir para que as imagens pudessem dar suporte à discussão de forma prática trazendo a questão da desfuncionalização do idoso e a ausência de identidade social.

A fotografia é realizada no enquadramento frontal, tipo 3 x 4, interessando as feições do rosto de cada participante, promovendo uma possibilidade de pensamento e reflexão sobre cada mulher retratada, que se materializa em objeto na imagem impressa no algodão, onde cada mulher cria uma moldura

poética ou afetiva a respeito de si. Há, nos rostos humanos, uma forma de individualização que é uma das características da nossa espécie; não sabemos de que modo essa individualização e unicidade se originaram, possibilitando as características distintivas entre os indivíduos.

Nos depoimentos abaixo, alguns registros sobre a fotografia:

Esse pano aí com a minha fotografia é uma arte. (Olga Nunes, 67 anos)

*Expressei tudo que tinha dentro de mim no retrato. Eu adorei meu retrato.
(Clárisse Marques, 65 anos)*

Amei! Achei mais bonito do que eu mereço! (Lucy Elisom, 75 anos)

A foto, não gostei, mas estou gostando de trabalhar em cima dela. (Sueli Cordeiro, 68 anos)

Eu queria que isso daqui nunca acabasse, está me dando vida. (Cícera de Paula, 61 anos)

Amei! O trabalho não sai da minha mão. (Sebastiana Fransisca, 73 anos)

*Quando eu vi a foto, lembrei-me de quando era criança, das partes boas e ruins.
(Neusa Martins, 61 anos)*

Estou adorando a foto; mostrei para todo mundo. (Maria Olinda, 83 anos)

A gente envelhece e precisa aceitar que envelheceu. (Lindaura, 67 anos.)

Os artefatos feitos à mão e em casa devem ser considerados como objetos de grande inventividade associados ao ambiente que são produzidos, e pensar nessas técnicas e saberes aliados ao ato de costurar, tricotar e bordar é, de certo modo, compreender o mundo social em que vivem e viveram essas mulheres, criadas em uma época em que esse fazer, essencialmente feminino, fazia parte dos vínculos de socialização primária, apreendidos na esfera doméstica, transmitidos de mães para filhas, e também, na esfera educacional, nas aulas de trabalhos manuais, onde as meninas aprendiam bordar, costurar, fazer tricô, crochê etc. Essas práticas cotidianas podem ser entendidas como o habitus, um princípio gerador de práticas classificáveis e capazes de definir estilos de vida, gostos, conduta e valores materializados na forma de conhecimentos, em metáforas práticas que produzem distinções sociais, culturais etc.

Eu me dediquei muito ao crochê que era o que minha mãe sabia, e o bordado que minha mãe também me ensinou, diversos tipos. O tricô eu aprendi no Colégio Divina Providência com 7 anos, aos 10 minha mãe estava grávida da minha irmã e eu que fiz o sapatinho. (Ivone Keller, 84 anos.)

Eu estudei o primário no colégio de freira; a gente era preparada para ser dona de casa, para casar. Aprendi costurar, bordar, culinária. (Neusa Martins, 61 anos)

*Eu voltei à infância. Quando eu era garota, eu bordava esse bordadinho que eu fiz aí mesmo, depois desses anos todos. Fazia uns 50 anos que eu não pegava na agulha para bordar.
(Rosa Melo, 67 anos.)*

O cotidiano é, muitas vezes, esquecido, e visto como algo natural, algo que sempre existiu; porém, é nesse espaço que o povo inventa e (re)inventa suas práticas individuais e coletivas e nos mostra que esses artefatos são carregados de um simbolismo e guardam consigo a essência da cultura material brasileira. Se não houver um esforço social para sua preservação, ele desaparecerá.

Os trabalhos das participantes nos ajudam a comprovar a variedade de técnicas apreendidas nesse cotidiano, panos repletos de uma diversidade de pontos de bordado, crochê, tricô, frivolidé, fuxico, confecção de flores de diversas maneiras, mostrando-nos a riqueza técnica guardada nesse imaginário. É realmente impressionante a minúcia e a beleza desses trabalhos, que através de um projeto, mulheres idosas puderam dar significado a essas técnicas artesanais, lembrando a aprendizagem, as histórias, e realizando um trabalho que fosse além dos pontos, um trabalho diferente, que foi aplaudido pelos familiares e amigos no dia da abertura da exposição; mulheres que deram entrevistas para canais de televisão e tiveram seus rostos expostos na tela da TV, e, mesmo que por um instante, saíram do anonimato total e apareceram, gentilmente contribuindo com essa pesquisa e confiando nesse trabalho, que busca contribuir para a valorização, reconhecimento e preservação das práticas artesanais realizadas com linhas e agulhas por mãos de mulheres brasileiras e do universo simbólico que permeia essas práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. O sistema de objetos. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos).

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

GUIMARÃES, Mariana de Souza. O design dos objetos artesanais produzidos no cotidiano de mulheres idosas. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2010.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. A invenção social da velhice. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

ZOLADZ, Rosza W. Vel. Veios do lúdico – por uma etnografia da mulher idosa. Rio de Janeiro: Universidade de Santa Úrsula, 1986.

CURRÍCULO RESUMIDO

Mariana Guimarães é formada em licenciatura em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ), professora do Setor Curricular de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp/UFRJ). Mestre em Artes e Design pela PUC–Rio, é pesquisadora do ensino da arte e das técnicas artesanais com linhas e agulhas produzidas no Brasil. Idealizou e coordenou o Projeto Retalhos de Memória, premiado no ano de 2007 pelo Ministério da Cultura.